

EDITORIAL

Análise de Dados Visuais: Desafios e Oportunidades à Investigação Qualitativa

O conceito de *fenómeno social total* de Marcel Mauss na década de 1920-30 nunca esteve tão presente em projectos de investigação como nos dias de hoje. Ao trabalhar com o estudo de fenómenos como crenças, hábitos, atitudes, opiniões, percepções, ideias, representações, a investigação qualitativa desbrava um objecto de estudo que só se torna perceptível dentro de um todo que o envolve, determina e condiciona. Os desafios e oportunidades que se colocam a uma abordagem não-estruturada são por isso irrefutáveis. Vivemos atualmente no que alguns autores denominam da *Economia das Experiências* (PINE; GILMORE, 1999) ou *Sociedade de Sonhos* (JENSEN, 2001). Já em 1970, Alvin Tofler, escritor e futurista norte-americano falecido recentemente, em 2016, profundamente conhecido pelas suas obras dedicadas ao estudo da revolução digital, ao estudo da reacção da sociedade face às profundas mudanças que a envolvem, chamava a atenção para a chegada de uma *indústria das experiências*. O Homem estará disposto a despende elevadas percentagens do seu salário para usufruir de experiências maravilhosas, experiências emocionais e sensoriais que o marcam profundamente, afirmava Tofler na sua obra *The Future Shock* (1970). Este racional de Tofler concretizou-se em pleno séc. XXI e a ideia do Homem viver permanentemente em busca de momentos que estimulem os seus cinco sentidos é hoje uma realidade, num mundo digital e globalizado.

É face a estas circunstâncias e com este enquadramento que também se faz investigação qualitativa nos dias de hoje. Como Aires (2015) afirma “qualquer actividade científica se enquadra num conjunto de coordenadas espaço-temporais e sócio-históricas que condicionam e justificam as suas opções metodológicas” (p.4). Um novo contexto revela-se assim ao investigador que, como sabemos, em investigação qualitativa é muito mais sensível ao que o rodeia. Um contexto que se consubstancia num objecto de estudo caracterizado por emoções, sentimentos, percepções, opiniões, marcado pela proliferação da tecnologia, nomeadamente a internet. A este propósito vejamos Neri de Souza e Bicudo (2016) que, de uma forma clara e sistematizada, nos apontam os desafios e oportunidades da investigação com e pela internet. Ou ainda, a título de exemplo, observemos a mudança de paradigma na área do comportamento do consumidor, tocando

já em campos do conhecimento como a gestão e do marketing. Em cerca de 30 anos (1980-2010) o estudo do comportamento do consumidor passou de uma abordagem mais racional, objectiva, funcional, cognitiva, usando para tal métodos e técnicas mais descritivas, quantificáveis, verbais; para uma abordagem que *concebe* o ato de consumo como uma experiência holística, marcada pela emoção e sentimento, necessitando por isso de usar métodos e técnicas mais interpretativas, holísticas, ecléticas e também visuais. O ato de consumo é assim hoje visto numa perspectiva hedónica e experiencial (HIRSCHMAN; HOLBROOK, 1982; HOLBROOK; HIRSCHMAN, 1982). Por essa razão, passamos de um Marketing mais *tradicional* para um Marketing das *experiências*, onde a investigação qualitativa abre novos caminhos e novas formas exploração, através da riqueza dos detalhes, da observação atenta, da análise ponderada e da interpretação reflectida. Como afirma Alarcão (2014) “vários ‘dilemas’ se colocam aos jovens investigadores nomeadamente àqueles que pesquisam nas áreas de ciências sociais e humanas (...). Estas situações dilemáticas não se devem atribuir apenas à falta de maturidade dos pesquisadores, mas sobretudo à natureza do campo em estudo, de difícil e formalizada estruturação” (p. 103).

É face aos novos desafios que se colocam à investigação qualitativa que surgem novas oportunidades. “Nunca poderemos esquecer de que teorias e métodos têm a ver com a realidade do mundo”, refere Minayo (2016, p.31). E porque o mundo mudou bastante nos últimos vinte anos, a investigação qualitativa vai trilhando o seu próprio caminho e adaptando-se à *nova* realidade. Exemplo disso é o surgimento dos Métodos Mistos (*Mixed-Methods*) baseado na premissa de que o uso combinado de métodos quantitativos e qualitativos que pode proporcionar um melhor entendimento do fenómeno em estudo do que apenas uma abordagem (BRYMAN, 2006; CRESWELL; PLANO CLARK, 2011; GREENE, 2008). Este *novo* entendimento do processo de investigação, considerada como a *terceira comunidade metodológica* (TEDDLIE; TASHAKKORI, 2012) ou a *comunidade interactiva* (NEWMAN; BENZ, 1998), é expressão de que para “contextos diversificados e complexos, necessitamos de metodologias mais “completas” e/ou combinadas” (NERI DE SOUZA; COSTA, 2016, p. 1).

Na mesma linha de pensamento, a utilização do elemento visual na investigação qualitativa materializa-se no denominado *visual movement* (HEISLEY, 2001), com as suas raízes de aplicação no campo da antropologia visual. Os investigadores têm hoje à

sua disposição um conjunto de dados com suporte visual como - pinturas, fotografias, filmes, desenhos, diagramas, entre outros - permitindo a introdução de novos elementos interpretativos que enriquecem a análise e entendimento do seu objecto de estudo. A imagem informa, elucida, documenta, acrescenta valor e sentido ao fenómeno em si. Como refere Berger (1990, p.1), crítico de arte, no seu famoso ensaio *Ways of Seeing* “it is seeing which establishes our place in the surrounding world.” Banks (2007) aponta duas razões principais para a adopção de análise de dados visuais na investigação qualitativa:

1. Na sociedade contemporânea as imagens são omnipresentes e exactamente partindo desta premissa, toda a representação visual deve potencialmente ser considerada em todos os estudos científicos sobre a sociedade. Ou seja, a imagem está em todo o lado e por isso não pode ficar *à parte* de projectos de investigação que se debruçam sobre o estudo e compreensão do mundo em que vivemos.

2. Um estudo de imagens ou um estudo que utilize dados visuais pode ser revelador de novas perspectivas sociológicas que não estão acessíveis através da utilização de outro tipo de dados.

Contudo, e de acordo com Heisley (2001) em resposta à sua pergunta *Porque resistem os investigadores à adopção do elemento visual?*, expõem-se os seguintes motivos:

- a. No geral, o elemento visual é ainda considerado menos *sério* pela academia;
- b. O entendimento visual é acessível a todos, permitindo a quem observa múltiplas interpretações. Esta perda de controlo pode ser desconfortável e ameaçador para o investigador;
- c. Os investigadores não estão ainda familiarizados com o uso do *vídeo* como fonte de dados;
- d. Os investigadores são ainda influenciados e enviesados pela ideia de que as palavras são mais *intelectualizadas* do que as imagens;
- e. Parece não existir ainda uma *revisão de pares* que legitime a sua adopção;
- f. É muito, muito trabalhoso e exigente.

Além das razões apontadas anteriormente, podemos acrescentar o facto de que somente nas últimas décadas ter aparecido ferramentas tecnológicas que facilite o tratamento técnico de dados visuais, como imagem e vídeo, na análise qualitativa de forma integrada e flexível. Muitas destas ferramentas ainda desconhecida pelos investigadores. Em termos gerais é possível identificar duas vertentes principais na adopção de elementos visuais nas ciências sociais (BANKS, 2007, p. 67):

1. A primeira refere-se à criação de imagens (dados visuais) como vídeos, fotografias, desenhos pelo próprio investigador de forma a documentar ou analisar aspetos da vida social e interação social. O investigador faz as suas notas, registos, apontamentos do que observa e analisa recorrendo a elementos visuais. Todavia, o valor científico destas formas de registo de dados não é ainda aceite e reconhecido pela academia. Banks propõe neste seu livro algumas soluções para este problema no âmbito da investigação e métodos visuais;
2. A segundo diz respeito à recolha e estudo de imagens produzidas e/ou consumidas/observadas pelos sujeitos da investigação. Neste caso, o projeto de investigação é mais *visual* e existe uma maior ligação social e pessoal do sujeito que está a ser estudado com essas mesmas imagens.

Em suma, refere Banks (2007), estas duas vertentes podem ser entendidas de forma contrastante. Por um lado, no primeiro caso, o uso de imagens para o estudo da sociedade e, por outro lado, um estudo e abordagem mais sociológica de imagens. Estas duas vias não são nem mutuamente exclusivas, nem são exaustivas e excludentes de toda a investigação visual nas ciências sociais.

Desta forma e tendo por base os referenciais teóricos, é possível sistematizar neste editorial dois papeis importantes que o elemento visual pode assumir num processo de pesquisa qualitativa:

- a. A utilização de métodos visuais como técnica de recolha de informação em que usam a imagem como estímulo para extrair informação e dados relevantes do participante (como exemplo de métodos e técnicas, a entrevista com Foto-Elicitação ou com Foto-Reflexiva). Ou seja, a adopção de técnicas directas de recolha de materiais empíricos, como a entrevista, observação, grupos de discussão. Quando o investigador utiliza estas

técnicas pode recorrer a imagens, como a passagem de um vídeo ou a projeção de uma imagem para dar resposta ao seu objectivo;

b. Como *corpus* do material empírico, ou seja, o entendimento dos dados visuais como elementos que espelham um determinado fenómeno que necessita de ser estudado e que constituem fontes de informação para utilização de métodos de análise como a análise de conteúdo, por exemplo. Neste caso, os dados visuais constituem-se como *corpus* e unidade de análise, por vezes entendidos numa óptica de complementaridade de dados textuais. Os dados visuais tornam-se assim, em determinados contextos de investigação, unidades de análise relevantes.

O racional para utilização de dados visuais na investigação qualitativa pode partir da premissa de que em alguns projectos de investigação, os dados textuais por si só não conseguem captar a riqueza da mensagem que se pretende transmitir, colocando-se a seguinte questão: Serão os dados visuais complementares aos dados textuais ou poderão eles próprios assumir-se como o único *corpus* do projeto de investigação? O trabalho de Santos, Cleophas, Leão e Neri de Souza (2014) parece apontar para a forte possibilidade de dados visuais, neste caso imagens de pinturas sobre Alquimia, assumirem o papel de *corpus* de dados quase únicos, numa investigação com conclusões interessantes. Estes autores analisaram as pinturas de séculos passados que retratavam atividades de Alquimia, imagens estas usadas em muitos manuais escolares de Química, procurando compreender se as mesmas teriam algum poder de Induzir Concepções Deturpadas da Ciência. Assim, as imagens em si constituíram o *corpus* de dados principal para estudar esta questão de investigação específica. Por vezes, há questões de investigação que simplesmente o texto não consegue dar informações suficientes, é preciso o vídeo, a fotografia ou imagem para se aprofundar na compreensão do fenómeno.

Comprendemos que a investigação qualitativa com base em dados visuais, apoiada com ferramentas tecnológicas específicas ainda estão nos seus primórdios, e que necessitamos de enfrentar muitos desafios e questões para que este tipo de dados encontre seu espaço de credibilidade no meio da comunidade académica das ciências humanas e sociais.

Estrutura da edição

Quanto à estrutura desta edição, esta é composta por treze artigos determinados por um elemento que os une: a utilização de diferentes abordagens, métodos e técnicas de análise de dados.

O primeiro artigo - *A intervenção psicoeducativa baseada em evidência: subsídios do enfoque qualitativo* de Ana P. Antunes, Joana O. Xavier, África Borges, Manuela Rodríguez-Dorta, Elena Rodríguez-Naveiras, María Cadenas, Ana T. Almeida e Cláudia Miranda - parte de uma investigação desenvolvida recentemente pelos autores, destaca-se a abordagem e o enfoque metodológico, através da apresentação de três processos distintos úteis na avaliação de programas de intervenção psicoeducativo, ou seja, o recurso a entrevista semiestruturada, a metodologia observacional e o Q-set da Resiliência Familiar. Os autores discutem o contributo da metodologia qualitativa na avaliação da eficácia dos processos de mudança quando se implementam programas psicoeducativos. Cada um dos recursos é discutido de forma detalhada e como afirmam os autores *a consideração individual de cada uma dessas ferramentas, permite perceber como cada uma pode ser utilizada num paradigma mais qualitativo e processual*.

O segundo artigo - *A concepção dialógica de linguagem e arquivologia: interfaces na construção de saberes* de Eliete Correia dos Santos e Jacqueline Echeverría Barrancos - abre caminhos a uma postura de cooperação entre as áreas interdisciplinares, propondo uma reflexão sobre a concepção dialógica de linguagem e de ciência à luz dos estudos bakhtinianos para a Arquivologia. As bases do pensamento do Círculo de Bakhtin são construídas a partir da crítica às duas tendências filosóficas: a estilística clássica que se baseia no idealismo e o estruturalismo situado nos estudos do sistema abstrato. Destaque para uma afirmação dos autores *a interdisciplinaridade é, ao mesmo tempo, requisito e sinal de um mundo diferente: novos procedimentos científicos e técnicos e novo estilo de civilização*.

O terceiro artigo da edição - *O novo paradigma sistêmico* de Susana Iglesias Webering - introduz uma temática fundamental nos dias de hoje, o entendimento do paradigma sistêmico. Para tal, a autora percorre algumas teorias por forma a entender as origens e desdobramentos mais recentes deste paradigma, como Bertalanffy (hipóteses dos sistemas abertos e a teleologia); Le Moigne (desenvolvimento de um modelo para o estudo de um objeto ou fenómeno sistêmico); Maturana e Varela (teoria da autonomia do

ser vivo e a construção do conhecimento). Conclui a autora, estas *teorias revertem o tratado científico como tem vigorado até então, realocando o homem e suas responsabilidades como parte da natureza. Uma transformação urgente para a ciência, uma transformação urgente de humanidade.*

O quarto artigo - *Conversación situada como cosa cosmos: pobrecito calama, tan lejos de dios y tan cerca de codelco* é uma pesquisa desenvolvida por Pablo Hermansen, Martín Tironi, Manuela Garretón e Ricardo Vega - utiliza a *conversação situada* como forma de reconhecer e fazer emergir “saberes situados”, um modo de produção de conhecimentos que incorpora (não traduz apenas) saberes localizados encarnados em corpos e lugares específicos. O objetivo deste trabalho é descrever algumas das controvérsias que agitam a cidade de Calama no Chile, recorrendo para isso a uma *conversa situada* com Pablo Guzmán que vai para além de uma representação puramente verbal. De salientar neste artigo a utilização de novos métodos de investigação e novas formas de representação, como a visual. Como afirmam os autores *las diversas problematizaciones que abordaremos, lejos de estar documentadas, habitan la oralidad, el conocimiento corporal y la experiencia situada de cada actor.*

O quinto artigo - *A representação social da arte da pintura do ventre materno para gestantes* – produzido por Júnia Aparecida Laia da Mata e Antonieta Keiko Kakuda Shimo, procura identificar a representação social da Arte da Pintura do Ventre Materno para gestantes, com base numa pesquisa descritiva, qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici. O objeto de estudo incidiu numa unidade de Estratégia de Saúde da Família de Curitiba, Brasil, tendo sido utilizadas estratégias de aplicação da Arte da Pintura do Ventre Materno, fotografia, filmagem, entrevista e diário de campo. Esta pesquisa apresenta parte dos dados referentes às entrevistas e alguns registros fotográficos do estudo.

O sexto artigo - *A procura do sentido nas aprendizagens de crianças e jovens em acolhimento residencial* de autoria de Carla Daniela Ferreira - expõe o trabalho de investigação realizado numa casa de acolhimento de crianças e jovens, no Porto, com o objetivo de capacitar os mesmos de competências para a vida através da relação com o saber em contexto não formal. O enquadramento que fundamentou a ação sustenta-se em dois temas: o da infância e acolhimento institucional e o da relação epistemológica com

o saber. A abordagem da pesquisa adotada situa-se no paradigma fenomenológico e teve como estratégia a investigação-ação procurando incluir os sujeitos no desenho e desenvolvimento do projeto. Um dos resultados mais evidentes foi a fragilidade da relação entre estas crianças e jovens e a escola, concluindo-se que a relação dos sujeitos com a escola é caracterizada pelas relações afetivas.

A autoetnografia como opção metodológica no estudo antropológico é tema do sétimo artigo desta edição – uma pesquisa de José Carlos Pinto da Costa, intitulada: *A autoetnografia como opção metodológica no estudo antropológico das situações de vulnerabilidade: exemplo de um caso de hipotireoidismo*. Com base numa fundamentação teórica em que o antropólogo é a unidade de estudo, o autor argumenta com este trabalho que a análise antropológica pode recorrer a uma abordagem autoetnográfica ao estudar pessoas que vivem situações de vulnerabilidade devido a problemas de saúde, sofrimento de situações de violência ou mesmo à experiência de clausura. Como o próprio afirma *por definição, a antropologia estuda a espécie humana em todas as suas manifestações*. Tendo por base a sua experiência pessoal num caso de falência da função tiroideia, o autor fornece indicadores que poderão ajudar a analisar em profundidade as experiências das pessoas que vivem situações de vulnerabilidade.

O oitavo artigo desta edição é uma pesquisa de Ana Irene Rovetta Cortés intitulada *Desenhos, Vinhetas e Diagramas: Ouvindo as Narrativas das Crianças Através da Elucidação Gráfica*, este procura evidenciar como uma mudança no modo de estudar a infância, ou seja, de uma investigação *sobre* as crianças passámos a uma investigação *com e pelas* crianças, comporta adaptações e inovações metodológicas significativas. Refere a autora *no plano teórico, esta transformação implicou reconsiderar o modo de pensar as crianças (...) no plano metodológico, esta nova abordagem conduziu ao surgimento de numerosos debates sobre quais as estratégias e técnicas mais apropriadas (...)*. Este artigo explora a utilização de novas iniciativas metodológicas e propõe reflexões sobre as suas oportunidades e desafios.

O artigo seguinte - *Relações informais de trabalho e o acesso à proteção social* – dos autores Helenara Silveira Fagundes e Maria Helena de Medeiros de Souza - avança para a aplicação da metodologia do Estudo de Caso. Proporciona um ensaio teórico sobre as contribuições do Estudo de Caso Fenomenográfico como uma alternativa de investigação

para estudar os fenômenos em contextos cada vez mais complexos, fragmentados e descontínuos das Organizações. Como afirmam os autores, *estudo de caso fenomenográfico foi utilizado pela primeira vez, nas organizações, por Sandberg (2000), que visava compreender o motivo que induzia algumas pessoas viessem a ser mais competentes do que outras*. Os autores expõem ainda como deve ser feita a análise dos dados em Estudos de Caso Fenomenográficos.

O décimo artigo - *Etnografia da mudança: apontamentos sobre abordagem qualitativa numa circunstância de migração compulsória* de Milena Marcintha Alves Braz e Antonia Ieda de Souza Prado - regressa ao tema da etnografia como método de abordagem para estudos descritivos. Neste caso, a pesquisa realizada adota a “etnografia da mudança” para descrever e analisar as transformações ocorridas nos modos de vidas dos grupos analisados numa circunstância de migração compulsória no sertão do Ceará, Brasil. Segundo as autoras, *se a Etnografia é, conforme definiu Geertz (1989), uma descrição densa, a intenção foi realizar uma etnografia da mudança, da mudança física, mais ainda, da mudança nos modos de vida das pessoas por ela afetados*. Para tal, foram adotadas estratégias etnográficas, como observação, diário de campo e entrevistas, procurando aptar o dilema que os sujeitos sociais vivenciaram.

O décimo primeiro artigo desta edição - *Avaliação discursiva das afasias* de Maria Irma Hadler Coudry e Fernanda Maria Pereira Freire - explora uma prática de avaliação que se dá por meio de práticas discursivas que se relacionam a parâmetros culturais e à história de vida dos sujeitos em avaliação e que se diferencia radicalmente daquela assente em testes metalinguísticos, tradicionalmente usada na área médica. As autoras apresentam neste artigo a avaliação discursiva da linguagem de afásicos desenvolvida pela Neurolinguística Discursiva (ND) na Universidade Estadual de Campinas. Resumidamente, *a nossa proposta de investigação qualitativa de avaliação da linguagem de afásicos pressupõe várias relações implicadas nos diversos processos de significação (...)*.

A expressão de um percurso metodológico que tomou como ponto de partida um contexto de mobilidade urbana e pobreza num bairro da periferia da cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil constitui a temática central do décimo segundo artigo - *Vida de pesquisadora: o campo de pesquisa como ponto de partida para uma investigação etnográfica no urbano*

de Antonia Ieda de Souza Prado e Milena Marcintha Alves Braz. Um exemplo de como o objeto de investigação vai determinando, de forma natural, o percurso dos métodos e técnicas a adotar. Como indicam os autores, uma tematização *da relação entre o pesquisador e o campo de pesquisa numa perspectiva qualitativa que envolve a objetividade científica e a necessária empatia para a abordagem etnográfica*. O elemento visual emerge uma vez mais nesta edição, neste caso fotografias como material a analisar, a par do registo das falas dos moradores com suporte em conversas informais, histórias de vida, entrevistas; e, ainda, descrição do lugar e das relações por meio de diários de campo.

O décimo terceiro artigo - *La evolución del concepto de triangulación en la investigación social* de Teresa Alzás e Luis M. Casa García - propõe um pensamento conclusivo e, sobretudo, integrador desta edição: o conceito de triangulação na investigação social. A necessidade da triangulação como estratégia de investigação resulta, sobretudo, do efeito de juntar, aglomerar, combinar perspectivas, pensamentos, métodos e técnicas. Mais concretamente os autores realizam uma revisão da evolução do conceito de triangulação e sua classificação com base em contributos de Campbell e Fiske (1959), Denzin (1970) e Flick (2014). Em suma, e como afirmam os autores, a triangulação permite *un análisis conjunto de los datos, ayudando a la superación de sesgos en la investigación, favoreciendo un análisis de resultado más rico, plural y completo, y ofreciendo al conjunto del proyecto de investigación mayor calidad y coherencia*.

Por último, o décimo quarto intitulado *Corpo e significado para um grupo de mulheres que realizaram o Papanicolaou*, de autoria de Edemilson Antunes de Campos, Lidiane Mello de Castro e Francine Even de Sousa Cavalieri, propõe compreender os significados do corpo feminino para um grupo de mulheres que fizeram o Papanicolaou. Neste sentido, os autores realizaram uma pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica e roteiro de entrevistas semi-estruturadas, com mulheres em idade reprodutiva, moradoras do Jardim Keralux, localizado na Zona Leste do município de São Paulo, Brasil. O Papanicolaou faz parte do processo de medicalização do corpo da mulher e está prenhe de significados, que permitem às mulheres darem um sentido à prevenção do câncer do colo do útero. Os autores pretendem com este trabalho contribuir para a compreensão da experiência do exame de Papanicolaou e dos aspectos socioculturais que operam na prevenção do câncer do colo do útero.

Para finalizar, esta edição propõe isto mesmo, pensamentos combinados, complementares, integradores que se enriquecem mutuamente. Um elemento está presente em todos eles: a utilização de diferentes abordagens, métodos e técnicas, onde se destacam os dados visuais ao proporem novos desafios e oportunidades à investigação qualitativa.

Agradecimentos

Os editores gostariam de finalizar agradecendo a todos os que de forma direta ou indireta colaboraram com o sucesso do CIAIQ2016 e com a produção deste número especial, incluindo os participantes, autores, comissão organizadora e científica, apoios, equipa editorial, entre muitos outros. Através do seu interesse, participação e da qualidade e rigor do seu trabalho científico, agora publicado na RPQ, esperamos que possa ser promovida a expansão da investigação qualitativa numa área tão relevante como é a das Ciências Sociais.

Editores Convidados

Ana Isabel Rodrigues

Francislê Neri de Souza

António Pedro Costa

Referências

AIRES, L. **Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional**. 1. ed. Lisboa: Universidade Aberta. 2015.

ALARCÃO, I. “Dilemas” do Jovem Investigador. Dos “Dilemas” aos Problemas. In: COSTA, A.P., NERI DE SOUSA, F.; NERI DE SOUSA, D. (Eds). **Investigação Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios**. 1. ed. Oliveira de Azeméis: Ludomedia, 2014. p. 103-123.

BANKS, M. **Using Visual Data in Qualitative Research**. 1. ed. Sage Publications, Thousand Oaks, CA, 2007.

BERGER, J. **Ways of Seeing**. 1. ed. Penguin Books. 1990.

BRYMAN, A. Integrating Qualitative and Quantitative Research: How is it Done? **Qualitative Research**, Nova Iorque, v. 6, n. 1, p. 97-113, 2006.

CAMPBELL, D.T. Y FISKE, D. Convergent and Discriminant Validation by the Multitrait Multimethod Matrix. **Psychological Bulletin**, Washington, n 56, p.81-105. 1959

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Designing and Conducting Mixed Methods Research**. 2. ed. USA: Sage, 2011.

DENZIN, N.K. *The Research Act: A Theoretical Introduction to Sociological Methods*. 1. ed. New Jersey: Transaction Publishers. 1970

FLICK, U. *La gestión de localidad en investigación cualitativa*. 1. ed. Madrid. Morata. 2014.

GEERTZ, C., *A Interpretação das Culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GREENE, J.C. Is Mixed Methods Social Inquiry a Distinctive Methodology? *Journal of Mixed Methods Research*, Nova Iorque. 2, n. 1, p. 7-22, 2008.

HEISLEY, D. D. Visual Research: Current Bias and Future Direction. *Advances in Consumer Research*, Duluth, v. 28, p. 45-47, 2001.

HIRSCHMAN, E.C.; HOLBROOK, M.B. Hedonic Consumption: Emerging Concepts, Methods and Propositions. *Journal of Marketing*, Chicago, v. 46, n.3, p. 92-102, 1982.

HOLBROOK, M.B.; HIRSCHMAN, E.C. The Experiential Aspects of Consumption: Consumer Fantasies, Feelings, and Fun. *The Journal of Consumer Research*, Oxford, v. 9, n. 2, p. 132-140, 1982.

JENSEN, R. *The Dream Society*. 1. ed. Londres: McGraw-Hill. 2001.

MINAYO, M.C.S. Fundamentos, Percalços e Expansão das Abordagens Qualitativas. In: COSTA, A.P., NERI DE SOUSA, F.; NERI DE SOUSA, D. (Eds). *Investigação Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios*. Vol.3. Oliveira de Azeméis: Ludomedia, 2016. p. 17-48

NERI DE SOUZA, F; BICUDO, M.A.V. Internet e Investigação Qualitativa, que ameaças e oportunidades? In: COSTA, A.P., NERI DE SOUSA, F.; NERI DE SOUSA, D. (Eds). *Investigação Qualitativa: Inovação, Dilemas e Desafios*. Vol.3. Oliveira de Azeméis: Ludomedia, 2016. p. 49-75.

NERI DE SOUZA, F.; COSTA, A. P. Qual o Papel da Investigação Qualitativa no Contexto dos Métodos Mistos? *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 4, n. 5, p. iv-viii, ago. 2016.

NEWMAN, I.; BENZ, C. R. *Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum*. 1. ed. USA: Carbondale and Edwardsville, Southern Illinois University Press, 1998.

PINE, J.; GILMORE, J. *The Experience Economy: Work is Theatre & Every Business a Stage*. 1. ed. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

SANTOS, I. G. de. S.; CLEOPHAS, M. das G.; LEÃO, M. B. C.; NERI DE SOUZA, F. Pinturas sobre Alquimia podem induzir concepções deturpadas da Ciência? *Internet Latent Corpus Journal*, Aveiro, v. 4, n. 2, p. 130-146, 2014.

SANDBERG, J. Understanding human competence at work: a interpretative approach. *Academy of Management Journal*, Champaign, v. 43, n. 1, p. 9-25, feb. 2000.

TEDDLIE, C.; TASHAKKORI, A. Common “Core” Characteristics of Mixed Methods Research: A Review of Critical Issues and Call for Greater Convergence. *American Behavioral Scientist*, California, v. 56, n. 6, p. 774-788, 2012.

TOFFLER, A. *The Future Shock*. 1. ed. USA: Bantman Books, 1970.